

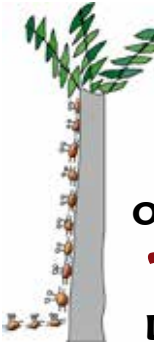


José Mendes Fonteles Filho
ORGANIZADOR

José Robério Guilherme
Maria Joelma Félix
Maria Lucélia Jacinto

O Lagamar na vida dos Tremembé de Varjota e Tapera





O LAGAMAR NA VIDA DOS
TREMEMBÉ
DE VARJOTA E TAPERÁ

Presidente da República
Dilma Vana Rousseff

Ministro da Educação
Henrique Paim

Universidade Federal do Ceará - UFC

Reitor
Prof. Jesualdo Pereira Farias

Vice-Reitor
Prof. Henry de Holanda Campos

Imprensa Universitária
Diretor
Joaquim Melo de Albuquerque

José Mendes Fonteles Filho
(organizador)

José Robério Guilherme
Maria Joelma Félix
Maria Lucélia Jacinto

O LAGAMAR NA VIDA DOS
TREMembÉ
DE VARJOTA E TAPERÁ



Fortaleza
2014

O Lagamar na vida dos Tremembé de Varjota e Tapera

Copyright © 2014 by José Mendes Fonteles Filho (Org.), José Robério Guilherme, Maria Joelma Félix, Maria Lucélia Jacinto

Todos os direitos reservados

Impresso no Brasil / Printed in Brazil

Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará (UFC)
Av. da Universidade, 2932, Benfica - Fortaleza - Ceará

Coordenação Editorial

Ivanaldo Maciel de Lima

Revisão de Textos

Antídio Oliveira

Projeto Gráfico

Sandro Vasconcellos

Diagramação

Mateus Teixeira / Sandro Vasconcellos

Capa

Heron Cruz

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Bibliotecária Luciane Silva das Selvas CRB 3/1022

G956l Guilherme, José Robério.
 O Lagamar na vida dos Tremembé de Varjota e Tapera
 / José Robério Guilherme, Maria Joelma Félix, Maria Lucélia
 Jacinto; Organizador: José Mendes Fonteles Filho. - Fortaleza:
 Imprensa Universitária, 2014.
 64 p. : il. ; 21 cm. (Magistério pé no chão)

ISBN: 978-85-7485-214-0

1. Índios Tremembé - educação - Almofala (Itarema, CE).
2. Índios - educação. I. Título.

CDD 371.829808131

APRESENTAÇÃO

Este livro foi realizado por um conjunto de pessoas que apoiou e deu suporte nos momentos de maiores aflições e a quem gostaríamos de agradecer neste espaço.

Este livro, forte nos pensamentos e nas palavras, está repleto de amor para com todos os seres, transforma-se em uma luz de esperança e compartilhamento de nossa missão. Convidamos a todos, qualquer que seja a estrada seguida, a compartilhar de nosso afeto e verdades repassadas pelos que ajudaram nessa caminhada. Logo, esta obra se configura em um presente estimulante de proteção e confraternização. Que todos possam aproveitar desse material.

Agradecemos aos nossos(as) colegas e amigos(as) que foram essenciais em toda nossa caminhada, pois são estes que servem de apoio nas horas fáceis e difíceis e que também são aliviados quando os espinhos da vida lhes ferem a fonte dos sentimentos, fazendo brotar correntezas de lágrimas em vossos olhos e feridas em vossos corações, sendo que dia a dia estamos aprendendo uns com os outros.

Agradecemos aos nossos(as) professores(as) que nos estimularam na aventura de descobrir, por meio de viagens em mundos desconhecidos, como a leitura de um texto ou de pensamentos amplos e, às vezes, de entender nossos silêncios, na vergonha que, às vezes, demonstramos em nos expor e, com sua paciência, fizeram-nos ver que cada ser tem a hora exata de demonstrar o conhecimento adquirido.

Efetivamente, agradecemos aos nossos(as) estudantes que são os(as) mais beneficiados(as), pois, se compreendemos bem, eles estão sempre nos representando com alegria e satisfação.

Aos que ficavam em casa, aguardando nossa chegada e, muitas vezes, tendo que aguentar nossos desabafos de tristeza e alegria, temos muito a agradecer por aguentar nosso mau humor e por ter cuidado tão bem de nossos filhos e de nosso lar.

Agradecemos aos nossos(as) filhos(as) que sentiram a nossa falta e, às vezes, sofreram com nossa ausência, quando, muitas vezes, doentes, em casa, uma lágrima deslizava sobre seu rosto meigo e doce e não estávamos ali para segurar nos braços. Mas, hoje, estamos vendo todo sofrimento e alegria em uma grande vitória.

Agradecemos aos nossos pais, estes anjos que amamos infinitamente e que nos têm proporcionado saberes fraternos. Estes(as) nos ensinaram a caminhar com nossos próprios passos e estavam ali sempre ao nosso lado, nas vitórias e, principalmente, nos tropeços, nas decepções que, às vezes, encontrávamos e na felicidade alcançada, pois foram seus carinhos que nos alimentaram e deram forças em tantos momentos para continuarmos e chegarmos ao fim.

Agradecemos às lideranças que nos deram toda a preparação enquanto caminhávamos em direção a novas conquistas que abrilhantaram com suas presenças, observando-nos e motivando a compreensibilidade do que estávamos fazendo era o correto e, por muitas vezes, chamar-nos atenção, quando erramos.

Queremos também reconhecer e agradecer ao Babi Fonteles, por sua parceria, por sua dedicação ao nosso povo, por sua luta para fazer acontecer este Curso, agradecemos também à Universidade Federal do Ceará, que acolheu nossas demandas e nos deu a possibilidade de realizar este Curso, bem como à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, pelo apoio à realização deste trabalho, por meio da oferta de bolsas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID Diversidade, que muito favoreceu as condições da pesquisa e conclusão do MITS.

Por fim, agradecemos a Deus por nunca desistir de nós, por estar sempre ali, velando pela nossa saúde, nossos sonhos,

vitórias, derrotas, alegrias e as raivas que, às vezes, sentimos e por permitir que os encantados estejam também ao nosso lado, trazendo positivas energias. Que os encantados emitam excelentes vibrações para todos(as) que lerem este trabalho...

A LAGOA DA CAMBOA (Música Tremembé)

A camboa é a água do rio
quando o rio se encontra com o mar
a camboa é uma água salobra,
como a lágrima do meu penar
água salobra, água do mar
são lágrima do meu penar.
O mirim, quando foi pro Torrões
Pelo morro enterrado ficou
Como eu quando estou nos teus braços
No aconchego do mesmo calor.



Figura 1 - Rio Aracatimirim. Foto: Acervo dos autores (2012).

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO (Primeiras narrativas, apresentando o trajeto)	13
Capítulo I — O LAGAMAR E SUA ORIGEM	17
Capítulo II — A RELAÇÃO DO POVO TREMEMBÉ COM O LAGAMAR	27
Capítulo III — ENCANTOS E ENCANTADOS	31
Capítulo IV — A PESCA NO LAGAMAR	37
Capítulo V — A POLUIÇÃO E SUAS CONSEQUÊNCIAS PARA O LAGAMAR	47
CONCLUSÃO	57
BIBLIOGRAFIA	61

INTRODUÇÃO

(PRIMEIRAS NARRATIVAS, APRESENTANDO O TRAJETO)

O objetivo deste livro é mostrar para os mais novos como se percebia o lagamar e como ficou e pode ficar se não cuidarmos dele. Paralelo a isso, pretendeu-se entender um pouco das relações dos Tremembé com o lagamar, tanto dos benefícios dessa relação quanto os prejuízos decorrentes dela.

Um dos fatores a ser entendido é a poluição e os prejuízos gerados à pesca. É preciso tomar consciência quanto aos prejuízos causados pela agressão que se causa ao lagamar. Havia um sentimento muito bom quando, no passado, nos aproximávamos do Lagamar e sentíamos as boas vibrações que ele emitia para nós. O rio era parte da gente mesmo... a gente brincava, se banhava, pescava, era lazer e espiritualidade, pois que se sentiam as boas energias que vinham de lá.

Hoje, poucos aproveitam desse lugar de afetos, de alegrias, de amores, de relações amorosas, de lazer, de trabalho, de extrair o sustento. Houve um processo que empobreceu o lagamar, que retirou dele boa parte do seu significado para os Tremembé, retirou dele sua simbologia, sua representação e, conseqüentemente, comprometeu a energia desse lugar, tornando-o mais prejudicado, mais agredido.

Não há mais privacidade, silêncio, tranquilidade ao longo do lagamar. Perdemos muito e podemos perder ainda mais ao não termos consciência da situação em que estamos vivendo. É preciso reconhecer o lagamar em seu significado, em sua sacralidade e entender sua dinâmica, as relações que podemos estabelecer com ele, pois o mesmo era uma harmonia e mil maravilhas para nós Tremembé.

O lagamar era muito respeitado pelos nossos mais velhos. Eles tiravam seu sustento, sem maltratá-lo, tinham uma admiração, por considerá-lo pai e mãe dos Tremembé. Porque um pai e mãe orientam um filho a ter paciência e afeto. Tudo isso foi um aprendizado. Já as novas gerações não valorizam essa riqueza que temos.

Para nós Tremembé, o lagamar é considerado um patrimônio histórico. Sabemos que, para os Tremembé, o rio é fonte de inspiração no amor, na diversão e até na saúde, pois é nesse ambiente onde mais temos contatos com os encantados. É fonte de vida e de alimentação para as comunidades. Esse rio, ao longo de vários anos, vem sendo palco de boas conversas e de bons entendimentos entre pessoas. Nesse espaço, chamado de rio Aracatimirim, há um recanto conhecido como lagamar. O lagamar é um ambiente de boas pescarias e também de conquistas alimentares por parte de todas as comunidades.

Por tudo isto, este livro é para nós motivo de muita satisfação. Ele retrata nossas emoções de uma maneira absolutamente transformadora. Este livro também foi uma espécie de terapia no qual superamos inúmeros problemas. Entre eles: o de desconhecer a importância do lagamar que passa a se manifestar na fala de muitos, além da capacidade de entender mais amplamente, em todas as situações de vida, o lagamar.

Destacamos ainda que, com as rupturas decorrentes do distanciamento ou da perda de significado que se foi dando ao longo do tempo, algumas pessoas tendem a ter uma noção equivocada ou representar o lagamar como algo ruim, diferentemente da relação associada ao 'ser mais', ao nos fazermos mais, como algo importante que está sendo possibilitado neste livro. Porém, creio que, embora alguns não tenham esse interesse de conhecer o lagamar, este estudo oportuniza importantes contribuições para nossa educação e perspectivas de nosso relacionamento com o ambiente e a natureza não humana.

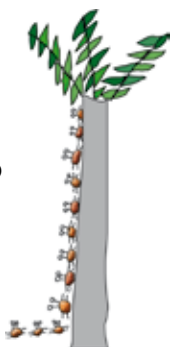
Este livro é um símbolo de nossa cultura, como o lagamar e todos os seres vivos que estão ao redor, tais como os animais, as plantas, o próprio mangue, pois tendem a oferecer mais conhecimentos para muitos que ainda poderão vir a entender e

cuidar amorosamente e assim irão regar, adubar, podar, caminhar, cantar, dançar e celebrar com ele, pois isso representa em nós uma força como o sangue que corre em nossas veias ou como o coração que pulsa em nosso peito.

Assim sendo, uma meta fundamental desse trabalho é contribuir com a compreensão dos caminhos vivenciados na tomada de consciência ambiental do lagamar.

É necessário compreender as mudanças que se deram ao longo do tempo e o que podemos fazer para que as próximas mudanças aconteçam para melhorar e tornar novamente este espaço em lugar de amores, afetos, alegrias e paz.

Capítulo I



O LAGAMAR E SUA ORIGEM

Começamos dizendo que o Lagamar é um marco muito importante na vida dos Tremembé de Almofala, município de Itarema, a 192 km de Fortaleza. Originalmente, para os mais antigos, é o pai e mãe dos Tremembé, pois que é a natureza presente na vida do nosso povo. Ele está situado mais nas áreas da mata e fica nas redondezas de Varjota e Tapera, e, ao lado, fica a comunidade de Saquinho. Entretanto, iremos falar da história do lagamar e sua importância nessas duas comunidades, Varjota e Tapera, com base em nossas pesquisas junto aos mais antigos. Precisamos salientar que o povo Tremembé, em particular na Tapera e Varjota, possui uma intensa ligação com a água, com a pesca, com o peixe, que tem como eixo de sua alimentação.

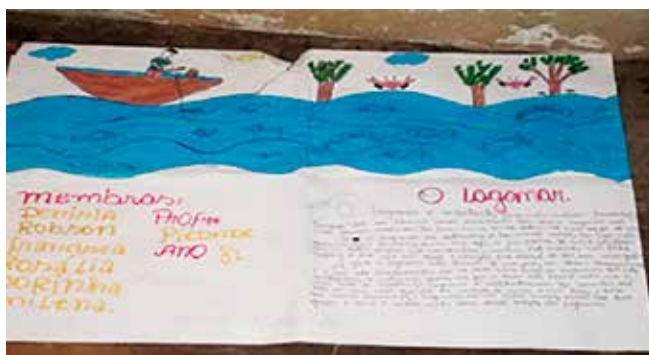


Figura 2 - O lagamar. Foto: acervo dos autores (2012).

Nessa nossa narrativa, na história que estamos contando, encontramos alguns cientistas engajados em nossas lutas, que dialogaram conosco (SAMPAIO, VERISSIMO, SOUZA, 2002). Nela, estes estudiosos nos informam alguns detalhes dos regimes das águas no nosso lugar.

Segundo eles, os meses de fevereiro, março, abril e maio são os mais chuvosos na nossa região, muito embora consideremos, por experiência própria, que os meses de chuvas mais intensas são abril e maio. E, por isso mesmo, acontecem enchentes no nosso lagamar nesses períodos. Isso implica maior quantidade de água disponível para as plantas, para o escoamento superficial, para armazenamento nos lençóis freáticos da região. Parece-nos que aqui temos um destaque importante que relaciona o lagamar e a água disponível nas nascentes, córregos e rios.

A área de nossa bacia hidrográfica é ocupada predominantemente por capoeiras resultantes de sucessivos desmatamentos feitos para dar lugar ao plantio de feijão e roças de milho. Muitas áreas são utilizadas para a criação de animais.

Outra informação interessante é que há uma grande quantidade de córregos que influencia no volume de água que abastece o lagamar. São eles: córrego Panã, córrego Lameirão, córrego do Amaro, córrego Varjota, córrego Cabeça do Boi, córrego Roque do Campo, córrego Grande, córrego dos Calangos, córrego do Gino, córrego do Zabanana, córrego Preto.

Nessa conversa com esses autores, ainda encontramos um estudo que aprofunda a fala sobre os desmatamentos sucessivos nas margens do rio, o que vai agravar a escassez dos animais que ficam próximos a essas áreas, comprometendo as relações próprias desses lugares.

Outro fato é que, com o aumento de pescadores utilizando vários equipamentos pesqueiros, mais especializados, vão desaparecendo algumas espécies de peixes e gera-se um problema, pois passa a faltar, principalmente, para a população mais pobre, que só tem acesso praticamente ao uso da tarrafa na pesca.



Figura 3 - A pesca de tarrafa no lagamar. Foto: acervo dos autores (2012).

Ao retomar nossas definições, encontramos que, para os dicionários, lagamar (la.ga.mar) se associa à ideia de um recanto abrigado às margens de rio ou em enseada; pode ser ainda uma lagoa de água salgada (lag(o) + -a- + mar).¹ Por sua vez, temos outro conceito importante para entender, ao refletir sobre lagamar: mangue (man.gue), que significa para os dicionaristas, lodaçal com vegetação resistente ao sal, em planícies costeiras sujeitas a inundações da maré; pode ainda ser entendido como a vegetação que vive junto às praias, nas nascentes dos rios, e nas margens de rios e lagoas.

Em nossas palavras, lagamar e mangue são um só, só que o mangue dá origem à fauna e flora, e o lagamar é o que faz com que essas partes se sintam em harmonia e ar fresco. O mangue é, sobretudo, a fonte de riqueza mais viva do lagamar, pois ele é vida e a vida nessa vida. Para muitos, o mangue prejudica a pescaria no lagamar, pois impede o lancear da tarrafa. Para outros, o lagamar veio para ajudar a ter mais qualidade de vida na vida dos Tremembé. Para outros de nós, o lagamar é uma parte do rio que fica entre as croas

¹ Ver em <http://aulete.uol.com.br/site.php?mdl=aulete_digital&op=loadVerbete&palavra=lagamar>, por exemplo.

(parte seca do lagamar, terra que emerge formando pequenas elevações) e os manguezais (são os berçários para os peixes, esconderijos, pois que lá se escondem dos pescadores). Para outro, o lagamar é parte do rio onde suas margens são bem mais largas do que os canais normais. Tem comunidade que o chama de lagamar e outras que o denominam de rio...

Em síntese, para nós, autores(as) deste livro, em diálogo com a ciência, lagamar e mangue estão juntos, um ligado ao outro. Podemos entender que o lagamar se caracteriza por essa área que circunda o rio Aracatimirim.² Ou seja, às margens do rio, temos o surgimento de um ecossistema que podemos aqui denominar de mangue, bastante associado à mistura de água salgada com a água doce e uma vegetação muito específica e uma fauna bem peculiar. Este lugar no qual o lagamar se instala é o mangue. O lagamar seria a área líquida, úmida, do mangue.

Para nossos interlocutores, aqueles e aquelas que dialogaram conosco ao longo desse trabalho, ou seja, nossas lideranças mais antigas, em épocas passadas, tinha um córrego e, mais acima, havia a lagoa do Gino. Esta era assim denominada por conta de que de lá morava um senhor chamado Gino. Tanto a lagoa quanto o córrego eram cercados de matos. Então teve um inverno com chuvas fortes, e as águas se juntaram, formando uma grande enchente. Foi aí que os moradores reuniram-se e cortaram o mato, para a água passar. Nesse período, um morador de Torrões,³ grande empresário, conhecido por Zé Maria Monteiro, com suas máquinas, cavou buracos na barra⁴ do mar de Torrões. Com a enchente, as águas se juntaram, formando o rio, no meio da mata.

Com base nos depoimentos, surge a ideia de que o lagamar nasce a partir da necessidade de as famílias se alimentarem, o que levou o povo a abrir as veredas para chegar ao rio. Como na Varjota tinha mais gente e ficava bem

² Aracatimirim é rio do estado do Ceará, no município de Acaraú, que deságua no Oceano Atlântico. A palavra é tupi guarani, significa Aracati pequeno.

³ Comunidade que existe nas margens do rio e do território Tremembé. Sua ligação com o rio é tão contundente que tudo que causam ao trecho de rio de lá repercute em todo o rio...

⁴ Canal estreito de acesso ao porto de embarcações.

próximo ao rio, os pais de famílias iam pescar, levavam foice e machado para arrancar o mato e poder lancear, ou seja, jogar a tarrafa⁵ na água e puxar os peixes, por isso, ficou conhecido como lagamar. Água salgada ajudava a matar os matos.

Já a Tapera ficava um pouco distante do lagamar e próxima à barra de Torrões, canal estreito que acessa o porto de Torrões. Quando a empresa Ducoco,⁶ uma empresa que comercializa cocos e está dentro da área da comunidade tremembé, chegou, expulsou os moradores pra bem perto do rio. É por isso que, enquanto a comunidade de Tapera chama o lagamar de rio, a da Varjota chama de lagamar.

Em seguida, apresentamos alguns depoimentos de nossas lideranças.

Segundo a liderança Estevão Henrique dos Santos, conhecido apenas como Estevão, um guerreiro na luta pela demarcação da Terra da comunidade de Tapera:

O rio Aracatimirim surgiu quando o mar cresceu. Quando era maré de quarto, de lua minguante e a maré era pequena, ficava seco e criava sal. Teve uma época que ele secou direto e 'quiaiu'⁷ sal dentro do lagamar, com o tempo, formou uma barra para dentro do rio Mirim. Essa barra quando entrou nunca secou. Depois que veio as enchentes para dentro do rio, aí começou entrar frutas⁸ de outros rios. Essas frutas vinham do rio Aracatimirim para dentro do rio Mirim. As frutas que ia se produzindo era os manguezais. Depois que o rio não secou mais, aí começou criar peixes. Era donde os índios pescava e tirava toda a produção dentro do lagamar. Quando foi do ano de 1954, aí começou nascer os manguezais. O lagamar, hoje, só tem o nome e está virando em camboas, que são riachos dentro do rio. Porque os manguezais tomou conta do rio. Hoje é reinado dos caranguejos. Essa pouca água que hoje tem no lagamar está sustentando milhares e milhares de famílias Tremembé para tirar o pão de cada dia.

⁵ Instrumento de pesca no formato de rede.

⁶ Empresa que comercializa cocos.

⁷ Acumulou uma quantidade grande de sal.

⁸ Sementes de mangues.

Nós entendemos que o lagamar surgiu de uma grande enchente e era dele que o povo Tremembé tirava e tira sua alimentação, pois, naquela época, não tinha mangues, mas, com a mistura da água doce e salgada, começou a entrar sementes de mangue de outros rios, trazidas pela enchente para dentro do lagamar. Por volta do ano de 1954, iniciou o nascimento dos manguezais.

O lagamar, hoje, não é aquele mais de antigamente, porque, onde nascem os mangues, não se pega peixes, mas podemos capturar o caranguejo e Maria farinha. Então podemos dizer que os manguezais tomaram uma boa parte do lagamar. Mas, com essa pouca água que tem, ainda consegue sustentar várias famílias Tremembé.

Conversamos também com o tio⁹ João Gomes. João Gomes dos Santos é um grande pescador que sempre levava e leva seus filhos para pescar, é liderança também da comunidade de Tapera.



Figura 4 - Tio João Gomes. Foto: acervo dos autores (2012).

⁹ Destacamos que tio, geralmente, é uma forma de respeitar os mais velhos no povo Tremembé. Neste caso, é também parente, membro de nossa família carnal. Lembramos que tratamos de tio porque somos uma família, a família Tremembé.

Pois bem, o mesmo falou que seus pais diziam para o pessoal que o rio não era aí, onde está hoje, o rio era no Saquinho e entrava para Almofala. Depois houve um inverno muito grande e arrombou o morro, aí surgiu a barra dos Torrões. Os siris subiam nos morros. Este rio era do pé do capim de um lado, e do outro, era uma água só, não sabia quando estava cheio nem seco. Aí ele foi se enterrando e hoje só tem os canaizinhos e manguezais, pois antes não tinha. Onde o mangue nasce, não cria mais água, vira croa.¹⁰

Diante da entrevista do Tio João Gomes, queremos ressaltar que, antigamente, as pessoas mais velhas diziam que o lagamar não era onde é hoje. Para eles, o lagamar era no Saquinho, num lugar que fica nas margens de onde hoje se localiza o lagamar. Em suas margens, próximo a sua foz, tinha um morro, então teve um inverno, com chuvas muito fortes e arrombou esse morro e se formou a barra de Torrões, onde é hoje um porto de embarcações.

Antigamente, no lagamar, não tinha manguezais, só tinha capim de um lado e do outro, a água era uma só. Mas, com a chegada dos manguezais, o lagamar foi se enterrando, virando croa, a parte seca, formando-se os canaizinhos que vemos hoje.

José Félix dos Santos, conhecido por Trival, uma liderança forte no movimento indígena tremembé, também de Tapera, contou que:

[...] os mais velhos contavam que aqui não tinha rio, o rio era lá na Almofala, passava pela Lagoa do cação, que ficava próxima à igreja de N. Senhora da Conceição, do lado de cima, em Almofala. De lá, ele subia e passava na casa do Zé de Barro e também no Salustiano, onde os mesmos moravam no lugar chamado Barro vermelho e saía no Urubu, e de lá a maré voltava. No ano de 1924, houve um inverno e uma maré muito grande e arrebentou um morro que tinha, aí abriu o rio. Antigamente, tinha muito peixe grande e não tinha nem um pé de mangue.

¹⁰ Croa pode ser entendido como um barranco de areia, um ajuntamento de areia que se forma no meio da água do rio e do mar.

Manoel Marciano dos Santos, conhecido por Calista, uma liderança antiga, que iniciou o movimento indígena pela demarcação da terra, na comunidade de Tapera, comunicou-nos sobre o lagamar em uma aula do MITS, na disciplina de contação de história, coordenada pelo consultor Augustinho Félix Jacinto, no dia 25/02/2010, em uma quarta-feira. Segundo ele relatou:

[...] o lagamar surgiu de uma grande enchente que deu, e os homens tinham feito uma levada na lagoa do Gino para a água passar, e, numa noite dessas, choveu muito, e veio a enxurrada e levou tudo, até a mata e as árvores. Foi aí que surgiu o lagamar. Quando só na década de 1940 começou a surgir uns pés de mangue. O lagamar nasceu de uma enchente vinda do córrego grande, onde a água levou a duna que passava dentro do mato, por isso, é que tem muito toco das árvores que tinha. Essa água matou as árvores porque era salgada.

Conta o Augustinho Félix Jacinto, nosso Tuxá, ou seja, o conselheiro do aldeamento Tremembé de Almofala, liderança da Varjota que:

[...] o rio era dos antigos, quando seu pai pescava no rio só que não era conhecido. Na serra e na nuvem da ponte, desce o rio. Quem disse que não existia o rio mirim, foi aí quando, numa enchente grande, o rio cresceu, e a barra de Almofala era na Lagoa do cação, do lado de cima da igreja de N. Senhora da Conceição de Almofala. E, quando a duna soterrou a lagoa, é que cresceu pra cá, e, quando cresceu aqui, os homens abriram, e a partir daí é que, com as chuvas, foi ficando alagado e limpo para poderem jogarem as tarrafas, pois havia muito mato, garrancho, toco e árvores de todos os tipos. Aí a água foi levando o mato, e foi criando várias espécies de peixe. Os matos iam morrendo porque a água que ia entrando do mar era salgada. Quando os homens iam pescar, levavam foice e machado para fazerem o limpo para poder pescar e jogarem a tarrafa.

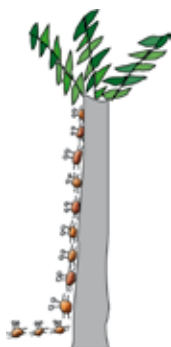
Luiz Francisco do Nascimento, conhecido por Tio Luiz Caboclo, e Maria Marciano dos Santos, conhecida por Tia Santa, sua esposa, aqui os chamamos de tios por conta dos vínculos familiares, ou seja, vínculos parentais, ambos da comunidade

de Batedeira,¹¹ disseram que: “[...] o rio não era onde é hoje, passava lá no bambuzeiro,¹² que o percurso do rio passava ali onde o Chico Bonifácio morava, ali em Torrões, e não tiveram a oportunidade de ver esse momento. Mas que seus pais contavam e afirmam que eles não iam mentir.”

¹¹ Em homenagem ao morador, Chico Batedeira.

¹² É uma planta que faz a divisa da terra Tremembé, é conhecido como um dos marcos da terra.

Capítulo II



A RELAÇÃO DO POVO TREMEMBÉ COM O LAGAMAR

Na relação dos Tremembé com a Natureza, há um Encanto com as águas (OLIVEIRA JÚNIOR, 2006). O povo Tremembé costuma dizer que o lagamar é pai e mãe para as comunidades de Varjota e Tapera, porque a maior parte de sua sobrevivência vem dessa fonte de riqueza, que é o lagamar, pois dele é retirada uma grande parte da alimentação desse povo.

Antigamente, todas as espécies pescadas no lagamar eram trocadas com outras comunidades, por outros produtos alimentícios como quando trocavam farinha, feijão, milho, goma, borra e outros, por todas as espécies de seres vivos, encontrados no Lagamar. Nesse período, não havia interesse por dinheiro e, sim, manter a alimentação de sua família.

Contam os alunos do 9º ano da Escola de Tapera, Maria Eniere Bezerra Marciano e Francisco Cíllis dos Santos Catarino, que:

O rio é um meio de sustento para as famílias da comunidade, que dele dependem para sua sobrevivência e dos seus filhos. No passado, o rio era ainda mais rico, devido o cuidado e a preservação das pessoas, porque era de lá que tirávamos o peixe, o camarão, o sororo,¹³ o ganhamum¹⁴ e assim, todo sustento. Pois devemos

¹³ Uma espécie de búzio.

¹⁴ O 'Guaiamun' é uma espécie de crustáceo, parecido com o caranguejo.

preservá-lo, para isso não se acabar. Não é sempre que os pais têm dinheiro para comprar a nossa comida, por isso devemos pensar, se não esse paraíso vai acabar. Se nós deixar isso acabar os nossos filhos não vão ter como se sustentar. Para mim, o rio representa umas das fontes de alimento da comunidade indígena Tremembé e é um dos lugares onde nossos pais tiravam e tiram o alimento para o nosso sustento. Porque antigamente era muito difícil emprego e graça ao nosso rio.

Por sua vez, José Ednilson dos Santos e Maria Jamile Apolinário dos Santos, também estudantes do 9º ano da mesma escola, afirmam que: “O rio foi e é muito importante para nossa alimentação, só não podemos esquecer da nossa preservação. Temos que cuidar, temos que preparar para mais para frente nossos filhos pescar”.

Ana Alice da Silva de Sousa e Francisco Alisson Henrique, estudantes do mesmo ano e da mesma escola, deram seu depoimento, dizendo que:

O rio representa para nós uma fonte de alimento, porque tem muitas pessoas que não têm emprego e vive só mais do rio. Muitas pessoas não acham o rio importante, mas, para nós, ele é muito importante. Porque é dele que algumas pessoas tiram seu alimento do dia a dia, é quando essas pessoas pegam muito peixe, caranguejo e camarão, eles vendem para ganhar seu dinheiro para comprar outras coisas, porque ele não precisa só do alimento, precisa de um par de chinelos, calça, blusa e perfume etc. Antes o rio era ainda mais importante do que hoje, porque antigamente era muito difícil arrumar emprego. Por isso, que viviam somente da pesca, e hoje em dia tem todo tipos de emprego, e o rio ficou menos importante para algumas pessoas. Antes, as pessoas zelavam do rio, porque era dele que tiravam o alimento e as pessoas tinham mais cuidado.



Figura 5 - Pesca do camarão. Foto: acervo dos autores (2012).

Hoje a relação é diferente, ainda se pegam todas as espécies nele existentes, mais com menos frequência, pois entraram vários tipos de fontes de rendas, como aposentadoria, trabalho assalariado e bolsa família nas comunidades, e o camarão só se pesca por safra, ou seja, o tempo da colheita, na maré de quarto, que é a maré pequena e sempre pegam e vendem para comprar outras coisas, para também ajudar na renda familiar.

Segundo Trival, liderança de Tapera:

[...] a importância que hoje tem é porque ainda se encontram muitos caranguejos, alguns carapicus - uma espécie de peixe pequeno; miguelã - um peixe cumprido, fino e com muito escama; sauna - tainha nova e outros. A população aumentou e diminuiu os peixes.

Dizem Tio Luiz Caboclo e Tia Santa, da Batedeira: “O rio é pai e mãe de todos, pois era dali que saía todo o sustento de suas famílias, ali pegava o peixe, o siri, o camarão, unha de velho e outros tipos de alimento”. Para a liderança Augustinho Félix Jacinto: “O lagamar era e é o pai e mãe da pobreza”. Já Manoel Afonso dos Santos, o conhecido Manoel Alonso, um

grande pescador da comunidade de Varjota diz ainda em suas falas que:

[...] a gente vive do lagamar, mas hoje ele está se acabando devido o mangue, mas o mangue também é bom porque traz o caranguejo e traz também outros peixes. Para quem trabalha com a tarrafa, não é bom. Só para quem trabalha com outro tipo de material como por exemplo, a caçoeira¹⁵ que é colocada dentro do mangue. E a tarrafa só se pesca dentro do canal que é a parte mais funda do lagamar. O lagamar é muito importante porque é pai e mãe, pois o peixe que pescamos é fresquinho e saudável, ele sente um carinho e o amor pelo lagamar.

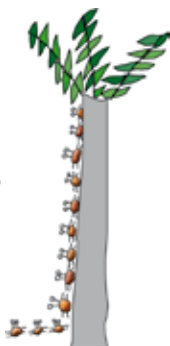
Na entrevista com o Chico Benedito, ele fala de alguns pescadores que jogam peixe na beira do rio e ali apodrece. Muitos(as) de nós, quando crianças, íamos para o lagamar brincar e pescar, ao passar pelas margens, me deparava com montes de peixes pequenos apodrecidos com aquele mau cheiro que nem podíamos passar por perto, aquilo nos fazia sentir uma coisa estranha.

Só hoje nos damos conta de que o que sentíamos era um grande aperto no coração por ver todos os peixes destruídos e desperdiçados, porque, com certeza, iria faltar para nossos filhos e netos. Bem como, com a falta de bom senso dos que faziam isso, mais pensava que um dia acabaria aquela falta de amor à natureza.

Ficamos tristes por saber que tem pessoas que não sabem aproveitar o que há de melhor em sua vida. Nosso grande desejo é ver o lagamar com bastante peixe. Sabemos que isso é impossível no momento, porque os peixes mal desovam e já são capturados, mas se tivesse como fazer uma prevenção, deixar um tempo sem pescar para o peixe poder crescer, aí sim teríamos peixes e sustentabilidade na nossa pesca. Sabemos, porém, que há famílias que dependem muito do lagamar e sobrevivem da pesca mesmo com os peixes muitos pequenos.

¹⁵ Instrumento de pesca, seu formato é similar ao de uma rede de dormir.

Capítulo III



ENCANTOS E ENCANTADOS

Além dessas maravilhas contadas por nossos entrevistados, destacamos como importante também a dimensão da espiritualidade que existe no lagamar. No lagamar, também existem seres invisíveis que nos protegem e nos ajudam, como forma de proteger o nosso espírito e nossa alma. Damos o nome de seres encantados a estes. Uns acreditam que são nossos ancestrais que se foram, outros dizem que são seres que o pai Tupã enviou para proteção dos pescadores. Na verdade, tudo isso é correto para o povo Tremembé.

Estevão, a liderança citada anteriormente, ao falar sobre os encantados, conta que:

[...] meu pai me contava que uma vez foi pescar, chegou na beira do lagamar, ia entrando outro pescador. Diante dele, o meu pai lanceou a tarrafa, quando o meu pai tarrafeou, o outro pescador tarrafeou em cima da tarrafa do meu pai. Então o meu pai disse assim:- este tarrafeador estará doido, ele foi e juntou a tarrafa, e a tarrafa do outro não veio. O meu pai saiu tarrafeando, e o outro não tarrafeou. Mais na frente, o meu pai tarrafeou, e outro tornou tarrafear de novo, e meu pai juntava a tarrafa, e a dele não aparecia. Muito peixe lanceava, que, quando ele puxava a tarrafa, não via nenhum peixe, o pescador tomou a frente do meu pai. Mais adiante, ele virou uma estátua, aí o meu pai disse assim: “Sabe que vou lancear esta estátua”, e foi co-

lhendo a tarrafa. Quando acabou de colher a tarrafa, ele não viu pra onde a estátua tinha ido e desapareceu. Essa estátua era um vulto, que era um encantado. O meu pai pescou francamente umas três horas e veio embora e não pegou nem um peixe.



Figura 6 - Tio Estevão. Foto: acervo dos autores (2012).

Tio Estevão continua falando dos encantados:

[...] eu fui pescar mais o meu pai, umas horas, eu vi um fogo e eu falei pro meu pai, que o fogo era aquele, o pai disse assim: “Aquilo era um pescador fumando.” Então nós fomos pescando, e o fogo continuou no meio do lagamar. Nós atravessamos uma altura e voltamos de novo pra trás, e o fogo lá. O meu pai disse assim: “Meu filho, eu vou acender também o meu cachimbo.” Aí nós saímos lá pro fogo, que, quando nós chegamos, onde estava o fogo, ele desapareceu. O meu pai disse: “Credo! Pra onde foi esse fogo, que agora não está aqui.” Ele disse: “Vou deixar pra acender mesmo em casa.” Nós saímos para o seco. Quando olhamos pra trás, estava o fogo. O papai disse: “Eu vou olhar o fogo.” Chegou lá, o fogo tinha se sumido de novo. O meu pai falou: “Meu filho, vamos embora que

já pegamos o que comer.” Que isso era risão¹⁶ da noite, pessoas que se mudaram dessa vida para outra.

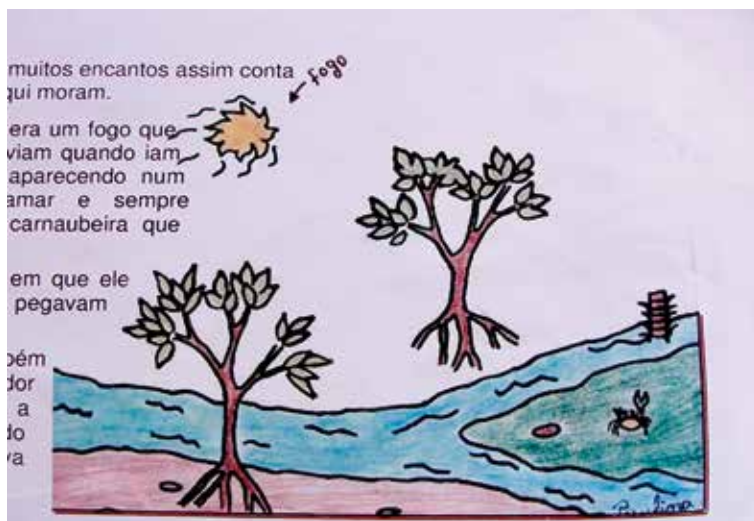


Figura 7 - O fogo na parte dos Encantados. Ilustração: acervo dos autores (2012).

Tio Augustinho Félix Jacinto — chamamos de tio por dois motivos, um é ter vínculo familiar, outro é que isto é uma maneira amorosa de tratarmos nossas lideranças — nosso Tuxá, conta que:

[...] esse rio tem um encanto bem na croa do Gino, pois bem próximo da croa morava um senhor chamado Gino. Essa croa nunca criou mato, era uma croa tão bem feito que tinha um canal por cima e um canal por baixo, tão liso que, quando era rapaz, íamos brincar e se escorregava com o bucho ou com o pé, e que não se segurava em pé. Um dia, dois amigos meus, já morreram, eles iam andando, quando se ariaram¹⁷ e olharam para cima e viram uma cidade tão bonita, umas casas grande, cheia de casa. Aí eles ficaram parados olhando, admirados, e isso

¹⁶ Leia-se 'visagem'.

¹⁷ Significa "alhear-se; pessoa que fica desnorteadá."

lá era um encanto. Eu cheguei a presenciar, por algumas vezes, um clarão como luz azul, verde e branca. Isso era um encanto e ainda hoje lá não cria mato. Tem a croa de vez a enquanto lá do Córrego preto e vinha subindo e não tinha quem descobrisse e que era. Um dia, eu vinha pescando, eu, era rapaz, quando cheguei aqui no braço do Mané Polino, um antigo morador que morava perto do lagamar, assediou o carnaubal todinho, aí eu fiquei parado sem saber o que fazer e sem saber para onde ia. Fiquei encadeada, aí eu saio e vim embora, aí o povo dizia, que era dinheiro enterrado. O encanto é os nosso mais velho, nosso tronco velho que sai fazendo o que fazia antes, nos protegendo os que são bonzinho, mas existe uns maus.

Manoel Afonso dos Santos, pai de alunos da escola de Varjota, em suas falas, disse: “[...] eu cheguei a ver um fogo no lagamar que, às vezes, ficava de outras cores, ficava azul, verde, amarelo, vermelho de todas as cores.”

O Francisco Benedito Moura, o Chico Benedito, um pescador experiente, ao falar sobre encantos ligados ao lagamar, relata de um fogo que aparecia perto de sua casa, pois sua casa ficava próxima ao lagamar, e esse fogo vinha do paiol do sal, vinha, vinha até chegar ao olho de uma carnaubeira, lá o fogo sumia.

Manoel Cabral de Sousa, conhecido como Manoel Maroca, liderança da comunidade de Varjota, conta:

Uma vez, eu fui pescar, pescando, pescando. Quando cheguei perto da lagoa do Gino, eu escutei um grito assim, deu muitos gritos perto de mim, aí eu fui para perto e vi uma pessoa vindo para o meu lado e ia andando. Cada vez que eu andava, a pessoa andava também, mas eu fui prestar atenção a pessoa não lanceava e nem mexia na água aí veio na minha mente que não era gente. Aí mim benzi, quando eu mim benzi, esse negócio ia subindo para cima para o céu e eu ia andando e olhando quando esse negócio foi descendo ficou dentro de um pé de mangue mas fiquei com sombroso. Eu não sei o que era e nesse dia eu não peguei nada e fiquei com muito medo e vim embora.

Deusdete Cabral de Sousa, conhecido como Dete, liderança de Varjota, narra pra nós:

Uma vez quando saí de casa e arruuiu um jumento bufou e lhe acompanhou e ele ficou com muito medo, mas, mesmo assim, disse: Deus te salve, Deus te salve. Aí, quando estava pescando, quando algo apareceu e ficou com muito medo, mas pediu perdão, aí passou o medo. Outra vez, quando ia pescar e chegou pertinho, algo bateu em meu chapéu e era um outro ser, uma alma, mas pediu perdão, e o ser foi embora, aí acabou-se o medo.

Podemos entender, com o apoio dos mais antigos, que os encantados só aparecem mais, para quem tem muita oração consigo. Por isso, o lagamar é sagrado, por ter encantados e seres que, muitas vezes, nos guiam, nos mostram como podemos nos orientar no lugar em que nos sentimos bem, por ser tranquilo e calmo, pois nos dá uma paz.

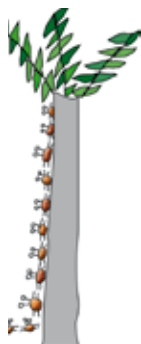
Hoje fica mais raro ter esse contato com outros seres, com os encantados desse recanto, pois o lagamar teve muitas modificações, porque antes era outro tipo de mato, não era mangue e tinha menos pessoas. A maioria dos pescadores só pescava à noite para trabalhar no roçado durante o dia.

Os encantados também são seres que precisam de respeito, admiração, carinho e afeto, tendo esses aspectos de amor com a natureza que é sua morada. Temos a proteção deles que rodeia nosso corpo, como se fosse o ar. Por isso é que devemos conscientizar essas novas gerações a ter esse respeito e acreditar que os encantados são nossos ancestrais que já se foram dessa vida para a outra.

Falando sobre os encantos, tanto quanto a preparação para a pesca, algumas pessoas não acreditam que possa haver seres que nos protegem, que são os bons, outros que nos destroem, que são os maus, que abalam seu ser quando estamos em contato com a natureza. Isso não é diferente ao pescar no lagamar. Por mais que o pescador conheça o local que vai pescar, às vezes, deus lhe prega peças ou desafios de que a pessoa não sabe como se livrar: um exemplo disso é se depa-

rar com um peixe grande que você sozinho não pode pegar e se enrola em sua tarrafa que é própria para pegar peixes pequenos, ou uns tocos cheios de ostras que, às vezes, ficam enterrados na lama, ou pedaços de peixes grandes que morrem como bagre que têm o casco da cabeça dura e fica enterrada na lama, como também oieiros, buracos na lama como areia movediça. Isso são armadilhas da natureza de que os seres encantados nos livram e protegem quando acreditamos neles.

Capítulo IV



A PESCA NO LAGAMAR

A pesca no lagamar é muito importante, pois dele tiramos o peixe, o siri, mão no olho,¹⁸ o caranguejo, a maria farinha,¹⁹ camarão. Muitas vezes, quando se pesca e se pega uma quantidade maior de camarão, separa-se uma parte para o alimento familiar, e a outra parte se vende para comprar coisas pessoais.



Figura 8 - Siri do lagamar. Foto: acervo dos autores (2012).

¹⁸ Uma espécie de crustáceo.

¹⁹ Outra espécie de crustáceo.

A pesca tem um significado enorme para nós Tremembé, porque a maioria dos moradores é pescador. Para nós, que somos filhos e filhas de pescadores, nos sentimos com muito orgulho da riqueza desses conhecimentos. Conhecemos os peixes e crustáceos de todo tamanho e sabemos como tratar e cuidar deles. A maior parte desses escritos decorre de nossas pesquisas, junto aos mais velhos.

Aproveitamos para lembrar que Augustinho Félix Jacinto, nosso Tuxá, conselheiro do aldeamento Tremembé de Almofala, foi nossa primeira liderança na luta, pelos direitos do povo Tremembé, pela demarcação de nossas terras, junto com sua esposa Conceição, também liderança na comunidade de Varjota. Este casal nos fala que o peixe diminuiu também porque o povo cresceu muito. Segundo eles:

Antigamente, só existia a família de Cabral, pois o pouco era muito. Hoje foram destruindo e acabou. Aí foi crescendo a ambição e ela espanta a fortuna, ai começaram a fazer arrasto no lagamar, gente de Itarema, e isso vai diminuindo. A pesca de caçoeira, aquilo eles estiravam a caçoeira na multidão de água e pegavam aquele monte de peixe, mas eles só queriam os peixes grandes e os pequeno jogavam na beira da água. Isso tudo diminuiu. Quem fazia uma farinha ou uma quarta de feijão, vendia ou trocava e comprava uma tarrafa para poder pescar e pegar os peixes. Aí tinha todos os tipos de peixes que tem no mar, do tubarão ao moré,²⁰ sôia²¹ e camarão, todos como aguião.

²⁰ Uma espécie de peixe comprido e mole que tem predominância da cor roxa e partes esverdeadas.

²¹ Uma espécie de peixe arredondado, achatado e fininho.



Figura 9 - Peixes do lagamar. Foto: acervo dos autores (2012).

Chico Benedito informa que, quando vai entrar no lagamar para pescar, se benze, que é para se livrar das esporadas de bagre. Reafirma o que muitos dizem, que o Lagamar é pai e mãe porque toda vida tiraram o sustento dele, tudo no mundo vem do pai e da mãe. Por outro lado, tem pessoas que destroem o lagamar porque, às vezes, pega um peixe pequeno e não traz para casa e deixa esse peixe morrer na beira do rio.

Sobre as mudanças que se deram ao longo do tempo quanto à pesca, em destaque a questão da linha que se usava para pescar, segundo a liderança Conceição, esposa do Tuxá Augustinho:

Naquela época, eu já era casada e lembro que fei muito à noite para fazer uma tarrafa para o Augustinho pescar, porque não tinha linha, o único fio que conhecia era o algodão, que, naquela época, tinha bastante. Só depois é que apareceu o náilon 2, 4 e 8. A produção que pegava, vendia para comprar a linha da bodega, para fazer as tarrafas. O algodão foi começando a ficar mais difícil.



Figura 10 - Linha Nylon.
Foto: acervo dos autores (2012).

Assim, vai acabando uma coisa e criando outra. Isso é obra da natureza, como diz Augustinho Félix Jacinto, Tuxá Tremembé, e sua esposa Conceição. Ele e ela também falaram, como esses alimentos eram pegos, de tarrafa se pegava peixe, siri, camarão e outros mais. Acrescentaram dizendo que os próprios materiais eram feitos por eles mesmos, as duas lideranças citadas acima relatam como se fazia. A tarrafa era feita de dois tipos de linhas, o fio de algodão e a linha que comprava na bodega. Porém, o que os Tremembé mais usavam era de fio de algodão. Dona Santa diz que plantavam o algodão, apanhavam, descaroçavam e, em seguida, batiam na esteira, depois rasgavam o algodão, batiam e fiavam. Essa fiação era feita no fuso, depois que era fiado e enovelado e, logo em seguida, começava fazer a tarrafa.



Figura 11 - Fazendo a tarrafa. Foto: acervo dos autores (2012).



Figura 12 - Puxando a tarrafa para lancear. Foto: acervo dos autores (2012).

Uma coisa interessante que nos faz voltar no tempo é o que Tio Luiz Caboclo diz sobre a pesca:

[...] é que eles só pescam nu, pois só tinham duas roupas uma de vestir em casa e outra de sair para as brincadeiras. Luiz Francisco diz que hoje temos vários tipos de maia²² de tarrafa, mas, no passado, não era assim. Porque, antigamente, não se pegava peixe pequeno e não tinha necessidade de tarrafa de maia pequeno. Lembramos aqui que Tio Luiz Caboclo e Tia Santa, são da comunidade de Batedeira.

A pesca no lagamar é uma pesca artesanal que é para a sobrevivência do povo Tremembé. A mesma é realizada com vários instrumentos de pesca, tais como a tarrafa, feita de náilon chumbo e corda, em formato de um cone, mas, antigamente, era feita de algodão; a caçoeira, é também de náilon, mas com algumas diferenças, pois só tem um lado e, em suas laterais, colocam chumbo e boia de isopor. A 'linha de vara'²³ é feita de vara, anzol, náilon e chumbo. A de mão é fabricada de náilon, isopor, chumbo e anzol. Temos a rede de arrasto que é fabricada de náilon ou fio de seda e tem um pau em cada chumbo e a boia - objeto arredondado feito de isopor, o landuar - rede de pesca confeccionada de linha de náilon ou seda, de cipó - um tipo de vara de pau que se dobra.

Temos também o curral, feito de varas de pau cipó, corda de náilon e enfiado dentro do lagamar e do rio. Esses tipos de instrumentos são produzidos pelos próprios pescadores, e, com eles, se pegam diversas espécies de peixe, crustáceos e molusco que ali existem. Os siris são pescados de tarrafas, linhas de varas com isca, landuar, curral e com as próprias mãos; os camarões também são capturados com as tarrafas mais apropriadas, feitas com linha de náilon 20 e 25, como também de curral e rede de arrasto.

Os peixes são capturados com vários tipos de tarrafas, as quais são feitas com diversos tipos de náilon. Além disso, é

²² Leia-se 'malha'.

²³ Linha de vara é o modo que os Tremembé denominam a vara de pescar.

utilizada linha de mão confeccionada com náilon e anzol, bem como linha de vara e curral.

Falando da preparação que o pescador tem ou faz ao entrar no lagamar para pescar, isso varia de pessoas. Pelo que ouvimos nos depoimentos, algumas pessoas fazem orações ou só se benzem para que possam ter uma pescaria tranquila sem perturbações ou atrapalhar-se no momento da pesqueira e não levar cortes de ostras, perfurações de pau enterrados na lama ou esporadas de alguns peixes. Outros pescadores não usam ou fazem nada para sua proteção ou defesa. Por isso, muitas vezes, são vítimas dos desafios ou armadilhas encontrados no lagamar.

Logo nas margens do rio Aracatimirim, encontramos uma variedade de crustáceos, tais como o caranguejo; o guaiamum, uma espécie de caranguejo de cor azul e de patas maiores, só que não encontramos dentro do mangue e sim nas margens do lagamar; mão-no-olho, parecido com o caranguejo, pequeno e suas patas são como uma tesoura; sié, tem o formato de caranguejo e não cresce muito; maria-farinha, parecido com os outros crustáceos, é o único que se alimenta em cima do mangue. Todos são capturados diretamente com a mão, portanto, sem a utilização de instrumentos. Temos também as ostras e unha-de-velho - um tipo de búzio, sendo que a unha-de-velho cava-se com a mão ou enxada para encontrá-la.

Chico Benedito diz para nós que, há muito tempo, tinha muito peixe e hoje acabou, mas isso aconteceu. Foi o número de gente que cresceu demais, com isso diminui o número de peixe e de camarão.



Figura 13 - Siri. Foto: acervo dos autores (2012).

O Tio João Gomes, liderança da comunidade de Tapera, atualmente com 74 anos, conta uma de suas histórias de pescador:

Uma certa vez, numa de suas pescarias com seu amigo e vizinho Aroldo, no lagamar, durante a noite, foram em busca de arranjar o quebra jejum do dia seguinte na lagoa do Gino. Nessa época, na região, vários cachorros estavam ficando doentes, doenças essas que as pessoas chamavam de doidiça, assim os cachorros ficavam doidos quando adoeciam. Logo no início da noite, os dois saíram para pescar, já com bastante medo. Depois de muito pescarem e de terem pegado já a boia, resolveram voltar para casa. João Gomes colocou a tarrafa no ombro e jogou a corda para trás, pensando, como de costume, fazê-la só quando chegasse em casa. Assim chegaram mais na frente, onde tinha muita folha de mangue seca, os dois ouviram um chiado... Como a noite era muito escura, olharam e não viram nada, pensaram e disseram um para o outro:

— Compadre é o cachorro doido.

O outro, ao ouvir o que o compadre havia dito, respondeu:

— Será, compadre? Pois vamos correr... e assim fizeram. Só que quanto mais os dois corriam, mais ouviram o chiado perto deles e aí é que corriam mais ainda. Depois

de correrem muito tempo e já chegando na croa,²⁴ não ouviram mais o barulho e resolveram parar. Muito cansados e tremendo de medo, sentaram-se e foram fazer as cordas das tarrafas. Conversando sobre o que era realmente que fazia o barulho, perceberam que o chiado que os acompanhavam era a corda arrastando no chão dentre as folhas. Certo do que tinha acontecido, os dois se abraçaram e começaram a chorar. Depois do choro e de passar o medo, resolveram seguir para casa sorrindo da besteira que os dois cometeram. (Depoimento dado a Francisco Elisnaldo de Sousa – estudante do MITS).

Tio João Gomes, ainda em suas falas, conta que “O pescador antes de entrar na água, se benze, para fechar o corpo. Antigamente, tinha pássaros que protegiam e avisavam quando vinha bicho feroz.”

Manoel Afonso dos Santos, da comunidade de Varjota, diz que “Ao sair para pescar, se benze e antes de entrar no lagamar, se benze novamente, pois é uma forma de proteção para o nosso corpo.” Essa pesca vem passando de gerações a gerações Tremembé.

Deusdete, citado em outros depoimentos, disse que:

Eu andava pescando com um amigo, e meu amigo falou esse lagamar vai virar tremendal, pois o mangue vinha da maré de fora, esse lagamar era até aqui no pé do barranco. Era lagamar, hoje só tem mangue, e o peixe que entra fica no pé do mangue. Para pescar com um pegureiro, outra pessoa que andava com uru²⁵ ou o peixe porque não aguentava com o peso, pois pegava muito peixe porque tinha muito. O mangue trouxe coisas boa, pois também trouxe o caranguejo, e sua tarrafa era feita de fio de seda. O lagamar é o pai e mãe da pobreza desse povo, pois ele pescava para três família, para sua mãe, seu tio e a sua.

Deusdete, em sua entrevista, tenta nos mostrar como era na época em que pescava, pois hoje não pesca mais, sua idade

²⁴ Uma parte seca do rio, uma pequena ilha.

²⁵ Cesto feito de palha de carnaúba utilizada para guardar o peixe pescado.

não é a mesma, e o lagamar também não é mais o mesmo. Hoje está cansado, pois pescou muito e, quando pescava, pegava muito peixe e repartia para três famílias, a sua, para a família de seu pai e para a família de seu tio.

A pesca no lagamar é muito importante para a vida dos Tremembé, de Almofala, da área de Varjota e Tapera, pois foi dessa pesca que os nossos mais velhos, nossos pais criaram suas famílias. Em vista disso, essa pesca vem passando de geração para geração, portanto o lagamar representa quase tudo em nossa vida, pois, sempre que precisamos, encontramos variedades de peixes, crustáceos, moluscos.

Além disso, temos a felicidade de apreciar a beleza ao ver uma pequena parte da nossa Natureza, dizemos pequena porque não é todo o aldeamento e sim um presente dentro desse espaço abençoado por Deus e concedido para esse povo que ama e respeita essa fonte de riqueza que ensina a dialogar, porque, quando estão pescando, é uma verdadeira farra, folia. Nesses momentos, eles conversam sobre tudo. Ensinam e aprendem a ter paciência, porque, para tirar todo o peixe enroscado nas pequenas malhas miúdas, precisa estar calmo e com muita virtude em suportar resignadamente males físicos e ensina a ter dignidade ao repartir o peixe que pesca.

Pescar no lagamar faz-se sentir saudável porque faz uma imensa melhoria física e mental, na mente, no corpo e nas emoções. Isso se dá por estar em contato com a Natureza e com os seres invisíveis que nos fazem nos sentir mais livres.

Capítulo 5



A POLUIÇÃO E SUAS CONSEQUÊNCIAS PARA O LAGAMAR

O lagamar hoje é afetado por diversos tipos de objetos poluentes que vêm prejudicando bastante o desenvolvimento dos seres vivos que ali dentro e aos arredores habitam, como os animais mamíferos (jumento, cavalo, vacas, bois, ovelhas e cabras), pois essa poluição é jogada pelos moradores da comunidade de Torrões, que fica à sua margem e também da Empresa Monteiro Pescados, que solta restos de cordas, sacos plásticos, isopor, pedaços de madeira que sobram das construções das embarcações. Outra poluição muito frequente são os esgotos domiciliares que vêm de algumas residências e que ficam muito próximos ao rio. Na maioria das vezes, as pessoas da própria comunidade usam o mangue como banheiro. Então, quando a maré enche, leva tudo para dentro do lagamar. Isso contamina os seres vivos e nos contamina também.

Antigamente, a comunidade de Tapera, quando não tinha vaso sanitário, usava o mangue como banheiro e, quando a maré enchia, levava tudo para dentro do rio, pois tudo isso era uma forma de contaminação para os peixes e a própria comunidade, que se alimentavam e se alimentam desses seres vivos.

Hoje a população cresceu, e, com esse crescimento, adquirimos novos conhecimentos e mais força de lutar e, com nossa luta, conseguimos junto à FUNASA - Fundação Nacional

da Saúde, kits sanitários para cada morador. Com isso, diminuiu o uso do mangue, como banheiro.

Atualmente, com o crescimento da população do povo Tremembé, com as influências culturais dos 'não índios', vem-se multiplicando a poluição, porque, antigamente, eles não usavam objetos embalados em sacos plásticos, era tudo natural. Nos dias atuais, tudo é consumido em embalagens. Mas as escolas do aldeamento Tremembé de Almofala estão trabalhando e conscientizando os alunos e toda a comunidade sobre o problema que nos causam as embalagens. Sua decomposição dura milhares e milhares de ano.

Manoel Afonso dos Santos continua com seu depoimento, dizendo que:

[...] fico triste e indignado quando encontra lixo no lagamar, como resto de curral, porque aquilo cortam os pés do pescador, outras poluições, são os restos de cordas, sacos e vidro. Tudo isso acaba e destrói o lagamar. Antigamente, não tinha poluição, e eu nunca cheguei a poluir.



Figura 14 - Lixo no lagamar. Foto: acervo dos autores (2012).



Figura 15 - Restos de corda no lixo do lagamar. Foto: acervo dos autores (2012).

Manoel Raimundo Félix, liderança de Tapera, diz que, na sua opinião, essa poluição não tem nenhuma influência sobre o que está acontecendo no nosso rio. Mas ele vê um outro problema que não é poluição de lixo, mas sim a poluição sonora do barulho dos motores das embarcações na comunidade de Torrões. O mesmo ainda disse que não diminuíram os peixes, mas sim aumentou o número de pessoas para fazer a captura desses peixes.



Figura 16 - Manuel Raimundo Félix (Manuel Doca). Foto: acervo dos autores (2012).

Manoel Marciano dos Santos (Calisto), liderança que iniciou a luta pela demarcação da terra na comunidade de Tapera, diz que, fazendo uma análise da entrevista que fiz, tenho convicção de que a poluição existente no rio Aracatimirim causa muitos problemas, pois essa poluição pode causar consequências para os peixes, como para as plantas que ali vivem, e pode também causar transtorno para as pessoas, pois, dentro do rio, podemos encontrar vários tipos de dejetos: garrafa pet, garrafa de vidro, embalagem de tintas usadas para pintar embarcações, quando sabemos que esse lixo é para ter um destino certo, um aterro sanitário.

[...] essa poluição tem nos causado muitos prejuízos na vida do nosso rio, pois essa sujeira cega os peixes, como tainha e pode matar os bagues. Esse tipo de peixe come em cima da água, ele acrescenta, dizendo que os restos de óleo de motores que são jogados na água pode matar os mangues novinhos. (CALISTO).



Figura 17 - Calisto.
Foto: acervo dos autores
(2012).

Manoel Cabral de Sousa, liderança da comunidade, conhecido como Mané Maroca, conta que:

O lagamar, para mim, é nosso pai, pois é onde os mais velhos foram criados e ainda estão se criando, foi quem nos deu e ainda nos dá o sustento ainda e com toda essa mata que está se formando, que é o mangue continua sendo a sobrevivência do nosso povo. Nosso pai porque ele ensina tudo, ensina a amar e a respeitar. Antigamente, era lagamar, hoje é o mangue e os canalzinhos porque 'pratramente'²⁶ era só capim não tinha mangue e era muito fundo. A água era um bocado doce e um bocado salgada. No final do inverno, o capim todo apodrecia, e o capim era todo grosso, e o peixe era demais mesmo, o peixe todo grande e de toda qualidade de peixe. De um lado, o mangue foi também bom porque trouxe a vara, pois não tem outro pau, hoje o pessoal estão comendo caranguejo, antigamente, o pessoal não gostava de caranguejo.

Com base nessa entrevista com o Tio Mané Maroca, percebemos que havia muitos peixes e de todos os tipos e de todos os tamanhos. Quando chegava o inverno, o capim apodrecia devido à mistura da água doce com a salgada. Ele diz que, quando iam pescar, juntavam-se muitos pescadores, e uns iam batendo no capim, e os outros lanceando, jogando a tarrafa para pegar o peixe, pois, com a batida no capim, o peixe saía, assim eles podiam pegar muitos peixes. Antigamente, os Tremembé não gostavam de caranguejo, pois não conheciam. Quando começaram a pegar e experimentar, aí começou-se a consumir cada vez mais o caranguejo.

O lagamar, na época a que tio Manoel Maroca se refere, era a sobrevivência do povo Tremembé, o lugar onde os mais velhos foram criados, e ainda hoje estão se criando os mais novos, só que tem outro conceito ou forma de pescar. Esse povo pesca para a sobrevivência e para outros fins, como vender o camarão e comprar outros utensílios da casa. Lembramos que os mais velhos dizem que, antigamente, comiam o peixe com

²⁶ Leia-se: antigamente...

o pirão de peixe. Pegavam o peixe e deixavam secar, pisavam como se fosse uma farinha e comiam com o peixe fresquinho, pegado na hora, porque, naquele tempo, não tinham outra coisa com que misturar, como a farinha de mandioca, a goma, a borra, e o feijão.

Por isso, o lagamar era e continua sempre muito importante para os Tremembé, não só pela alimentação, mas também porque ensina a amar, ter respeito e compaixão pelo outro, pois, antigamente, iam pescar, chegavam e repartiam o peixe que pegavam com os outros vizinhos sem se preocupar com o amanhã, pois sabiam que, no outro dia, o lagamar dava. Hoje os mais novos quase não pescam, por várias razões, uma porque não tem a fartura que tinha, outra porque o lagamar também sofre com os maus tratos causados, por exemplo, pela ganância. Antes se pescava por sobrevivência, hoje, algumas vezes, por interesse desejo egoísta de proveito pessoal.

Por sua vez, nos diz Deusdete:

O lagamar era limpo de sujeira, só tinha peixe. Aí aparece um capim, nós se deitava no capim e saía com o bucho no capim. Enchia o uru só de peixe e pegavam até com a mão, hoje é porque tem viveiro e resto de madeira, resto de curral que os pescadores deixam uma porqueira, e vinha gente do mundo inteiro pescar aqui.



Figura 18 - Deusdete.
Foto: acervo dos autores
(2012).

Na época, havia muito peixe, e o lagamar era limpo: não tinha mangue, nem destroços, restos de currais deixados pelos curraleiros (os botadores de currais, pescadores que botam currais no rio). Devido a esses restos de currais que ficam acumulados dentro do lagamar, acumulam-se muitas ostras, virando muitas crateras no lagamar inteiro. Isso é muito perigoso, pois chegam a fazer cortes profundos na pele. Quando se referia a que o lagamar ia virar tremedal, era porque o mangue ia tomar de conta do lagamar. Havia muito peixe, mas hoje o peixe fica escondido dentro do mangue.

Bem, diante disso, diante dessa denúncia, começamos a construir alternativas de cuidado. Para nos motivarmos, buscamos observar os laços que nos ligam ao Lagamar, suas belezas e riquezas.

É importante destacar que o lagamar é uma riqueza que se manifesta de diversas maneiras. Daí a necessidade de cuidar do lagamar. Trazemos, para mostrar sua riqueza, um exemplo importante, uma oferenda do lagamar para os Tremembé: o toá.

Sobre ele, temos uma entrevista feita com Maria de Fátima Andrade, conhecida como Navegante. Para ela, o toá é um barro tirado da urela do lagamar só quando a maré estiver seca, pois, quando estiver cheia, a água cobre tudo. Só quando estiver seca é que podemos ver os buracos dos siés, que é de onde se retira o toá. A gente sai procurando e onde encontramos algum farelo de barros de outra cor é que procuramos com uma colher, cavamos o buraco e encontramos o toá, mas não é em todo canto do lagamar que encontramos.

O toá pode ser de três cores: amarela, vermelha e branca, só que a branca não encontramos no lagamar e sim em um barreiro próximo ao lagamar dentro da comunidade. Mas fazemos outras cores com a mistura de carvão; como ele é feito logo que chegamos com ele, lavamos, coamos e botamos para secar, quando vai secando, a gente vai escorrendo a água que fica em cima, só depois é que pisamos o carvão, cessa e mistura o amarelo com o carvão, o mesmo fica verde; o vermelho, com o carvão, fica marrom; o branco, com o carvão, fica azul.

Figura 19 - Mistura de cores do toá.
Foto: acervo dos autores (2012).



Figura 20 - Maria Andrade,
a Navegante.
Foto: acervo dos autores
(2012).

Mas também usamos cada um separado. Só o vermelho, só o branco, só o amarelo, sem colocar outra mistura. Com isso, fazemos pinturas em parede como decorações, fazem quadro, pintura corporal.

Em outras palavras, o toá é uma espécie de barro ou argila que tem um valor muito significativo para o povo Tremembé, pois, com ele, temos uma riqueza em nosso artesanato e pin-

turas, com ele, podemos pintar em várias cores. Sua extração é feita às margens do rio Aracatimirim, em um processo muito delicado. Para obtermos as cores certas, é preciso que a pessoa tenha um profundo conhecimento nesse assunto.

A beleza se expressa na riqueza do canto que mostra o lado do amor e das relações entre os Tremembé e o Lagamar. Percebemos isso nesta música:

VEM COMIGO NAMORAR

Na lagoa da camboa
Perto do guagiruzeiro
Eu vejo você passar
E na estrada do Panã
Depois da azeitoneira,
nós vamos se encontrar
aguapé, quando se espalha
nas águas do lagamar
até parece o luar
vem comigo namorar a a a a a a a namorar
vem comigo namorar a a a a namorar.

CONCLUSÃO

O que pretendemos mostrar para nossos leitores, ao longo do livro, foi a satisfação que temos em compartilhar nossas angústias, conhecimentos, amor, carinho e respeito que sentimos ao entender e poder falar do lagamar. Provavelmente, muitos não sabem acerca da sua importância, que é imensa para nosso povo.

Compartilhamos com nossos leitores alguns conhecimentos, para que eles entendam um pouco do lagamar, de suas dinâmicas, de suas histórias, de tal modo que possam também compartilhar as preocupações que apontamos.

Para citar uma delas, destacamos a falta de peixe que está sendo observada, afetando gravemente algumas famílias mais carentes da comunidade Tremembé, que assim passam a não mais ter como sobreviver, sendo que a maior parte de seus sustentos vem do lagamar.

Acreditamos que este livro pode favorecer com grandes mudanças e possa nos mostrar uma solução para aprimorar algo que efetivamente ajude na preservação do lagamar. Entendemos que, com algumas ações dentro da comunidade, possamos incentivar a proteção ao rio Aracatimirim.

As entrevistas com as lideranças, com os mais velhos, a parte mais rica deste livro, apresentaram histórias que desconhecíamos. Hoje podemos compartilhar essas histórias, esses saberes com as nossas crianças, com todos e todas.

A gente pôde reviver um tanto da infância que tivemos antes... As lembranças nos ajudaram a reconhecer a importância do lagamar e assim poderemos contribuir com a conscientização da relevância, da importância do lagamar, da natureza não humana em nossas vidas. É uma ligação que a gente tem que ter e faz com que nossas raízes se fortaleçam.

Em todas as áreas da nossa vida, podemos nos enriquecer por meio do reconhecimento do valor do lagamar, da importância das relações que temos ou podemos ter com o lagamar.

Este livro, em nosso entendimento, também serve para que os mais velhos reflitam sobre como se relacionaram com o lagamar. Todas(os) podemos ser tocados ao perceber como poderíamos ter lidado com o lagamar de uma maneira mais saudável e cuidadosa, e assim podemos nos relacionar com o lagamar. Não é apenas lembrança, mas fatores que nos ajudam a refletir e mudar nossas atitudes, nossa práxis.

Tivemos oportunidade de compreender a gravidade do lixo, da poluição, da invasão humana para além do necessário. Constatamos que usar e tirar mais do que o necessário dos nossos bens naturais, neste caso, do lagamar, dessa natureza não humana, vai repercutir sobre nós mesmos com as reações que a natureza terá diante de nossas agressões.

Aprendemos muito. Uma das questões que nos acrescentou demais foi reconhecer os saberes das lideranças acerca das relações com o lagamar. Outrora, o rio tinha peixe muito. Dois ou três lances eram suficientes para tirar o que a gente precisava desse lugar sagrado. Hoje temos vários problemas.

Estamos fazendo histórias e contando a história de nossos mais antigos, preservando essas histórias, esses conhecimentos, saberes e possibilitando que as novas gerações possam ter um lagamar e cuidar desse lagamar.

Este livro traz como um dos seus propósitos garantir a manutenção, a existência do lagamar, tão importante para os Tremembé. Desse modo, oferecemos esse contributo e acreditamos poder colaborar com um mundo mais equilibrado e harmônico.

Tivemos também como propósito mostrar para as nossas futuras gerações, que o lagamar foi e continua sendo um ambiente confortável, cheio de histórias encantadoras, vivenciadas pelos nossos ancestrais. Mas, além disso, advertir que o nosso lagamar, atualmente, está mais dificultoso para dele se adquirir alimento. Seus crustáceos, por exemplo, estão desaparecendo, devido a vários fatores, incluindo a poluição, pescaria antecipada e a entrada dos brancos na nossa área. Mas, com todos esses acontecimentos, o lagamar continua sendo ainda o grande fortalecimento do povo Tremembé.

Queremos lembrar que o tema deste livro serviu para mostrar um caminho desejado em direção à sustentabilidade, o que vem fortalecer nossa consciência ambiental. Esperamos que esse trabalho possa colaborar nas reflexões dos educadores, em relação ao cuidado e proteção do meio ambiente.

Aqui, confraternizamos-nos por meio do afeto expresso em nossas palavras quando nos referimos ao lagamar e depositamos total afeição neste livro junto aos que deram seus depoimentos, que, por sinal, foram de suma importância e que também vimos nos olhos de muitos, quando falavam ou se referiam ao lagamar como se fosse algo do passado e que não mais pudesse oferecer a fartura de antes. Estamos felizes por termos alcançado nossos objetivos e esperamos que estas palavras toquem no bom senso de muitas pessoas que assim possam compreender a importância do lagamar.

Temos aqui a chance de deixar uma importante herança para nosso povo e assim estamos fazendo. Esperamos que, de fato, todos(as) possamos aproveitar desses saberes e entender que lagamar é nossa raiz e deve ser reconhecido como tal. Que cada um e cada uma de nós possa entender a essência do lagamar e observar que podemos frutificar, proporcionar condições para que o povo Tremembé esteja garantido. Que sejamos esse recanto alagado, mistura de salgado e doce, berçário da vida, que flui e leva para muitos outros cantos o canto Tremembé.

BIBLIOGRAFIA

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS - ABNT. *NBR-6023: Informação e documentação - Referências - Elaboração*. Rio de Janeiro, RJ, 2002.

----- . *NBR- 10520: Informação e documentação - Citações em documentos - Apresentação*. Rio de Janeiro, RJ, 2002.

DICIONÁRIO AULETE. Disponível em: <http://aulete.uol.com.br/site.php?mdl=aulete_digital&op=loadVerbete&palavra=lagnar>. Acesso em: 26 set. 2012.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio: Século XXI eletrônico [Cd-Rom]*. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 1999.

OLIVEIRA JÚNIOR, G. A. de. *O encanto das águas: a relação dos Tremembé com a natureza*. Fortaleza: Museu do Ceará - Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006.

SAMPAIO, José Levi Furtado; VERÍSSIMO, Maria Elisa Zanella; SOUZA, Maria Salete de (Orgs.). *A comunidade tremembé: meio ambiente e qualidade de vida*. Fortaleza, CE: INESP, 2002.

TÍTULOS DA COLEÇÃO “MAGISTÉRIO PÉ NO CHÃO”

1. Primeiras letras na cultura Tremembé (Livro do Professor)
2. Primeiras letras na cultura Tremembé (Livro do Aluno)
3. Fauna e flora Tremembé da Região da Mata
4. História da educação diferenciada Tremembé
5. O Lagamar na vida dos Tremembé de Varjota e Tapera
6. Inventário de elementos da cultura material do povo Tremembé
7. Luta e resistência dos Tremembé da Região da Mata pelo seu Território
8. Aldeamento Tremembé de Almofala: o espaço do Mangue Alto - ontem e hoje
9. Medicina tradicional do povo Tremembé
10. *Dicumê* Tremembé de antes e de hoje
11. Jogos matemáticos para as escolas indígenas Tremembé
12. A pesca no Mar de Almofala e no Rio Aracati-mirim: histórias dos pescadores Tremembé
13. Os encantados e seus encantos: narrativas do povo Tremembé de Almofala sobre os encantados
14. Histórias Tremembé: memórias dos próprios índios



Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará - UFC
Av. da Universidade, 2932 - fundos, Benfica
Fone: (85) 3366.7485 / 7486
CEP: 60020-181 - Fortaleza - Ceará

imprensa.ufc@pradm.ufc.br